

FUX, Jacques. *Meshugá*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2016. 196p.

Meshugá ou *mishigne* é um vocábulo do dialeto ídiche, utilizado por judeus, e designa o “louco”. Mas, como definir esse ser desprovido do senso de realidade? A quem cabe essa definição? Com que embasamentos? É o que se discute em “O louco no jardim das espécies”, capítulo da *História da Loucura* (2014), de Foucault: “Como é que se pode apontá-lo [o louco], sem errar, na proximidade cotidiana que o mistura a todos os não loucos e no inextricável cadinho dos traços de sua loucura com os signos obstinados de sua razão?” (2014: 196).

Inspirado por tais conjecturas, o mineiro Jacques Fux (Pós-doutor em Literatura Comparada e ex-pesquisador visitante na Universidade de Harvard, vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura de 2013, com o livro *Antiterapias*) apropria-se do termo ancestral para nomear seu quarto e mais recente livro: *Meshugá* (lançado em 2016 pela editora José Olympio, 196 páginas).

A obra de Fux remete-nos ainda a outra recente publicação, *Dez Mitos Sobre Judeus* (2014), de Maria Luiza Tucci Carneiro. Trata-se de um estudo, no qual a historiadora desvenda os mitos envolvendo esse povo, erigidos com base em preconceitos e discursos de ódio. Avarentos, parasitas, racistas, manipuladores – estas são algumas das designações atribuídas aos judeus, e focalizadas pela autora.

Em seu livro, Fux acrescenta o décimo primeiro mito – o da predisposição à loucura – à lista de Carneiro, desenvolvendo-o uma narrativa caleidoscópica, composta por reflexões e devaneios. Explica-se: segundo levantamentos do escritor, desde o final do século XIX, várias teorias pseudocientíficas, muitas vezes influenciadas pelo antissemitismo, assinalavam que os judeus seriam mais propensos a doenças mentais que outros povos. Um exemplo:

em 1896, o psiquiatra alemão Richard Von Krafft-Ebing chancelou a tese da predominância da neurastenia na população judaica. Outros cientistas (citados por Fux em seu livro) também se dedicavam a provar que a “loucura judaica” era consequência de “necessidade fisiológica pela riqueza” e da “imoralidade sexual”, entre outras lendas.

A abordagem de Fux busca desconstruir os mitos e aguçar a crítica aos preconceitos, sem, entretanto, enveredar pelo levantamento histórico rigoroso, ou pelo debate antropológico. Embora flerte com a realidade, o autor prefere instigar o leitor através dos entrelaçamentos de estilos, da fragmentação, das múltiplas vozes textuais e da subversão à exatidão de fatos. Contudo, tais artimanhas não anulam o caráter reflexivo de *Meshugá* – ao contrário, a escrita profusa de Fux compatibiliza-se perfeitamente ao tema da loucura, resultando em um romance-mosaico, não linear, esquizofrênico, o que já se anuncia na capa da obra, a cargo do ilustrador Frede Tizzot, em que controversas e díspares figuras, quase todas conhecidas do grande público, parecem “brotar” da cabeça de um homem – o narrador ou o próprio escritor? Eis o traço marcante da literatura de Fux, em que autor, narrador e personagens se confundem.

Em *Meshugá* (terceira incursão ficcionalizante de Fux, já que sua obra inaugural, *Literatura e Matemática: Jorge Luis Borges, Georges Perec e o OuLiPo*, de 2011, tem cunho teórico), deparamo-nos com a imersão na mente de oito personalidades famosas, que são convertidas em personagens: a filósofa francesa Sarah Kofman, o cineasta Woody Allen, o ator pornô Ron Jeremy, o filósofo Otto Weininger, o matemático russo Grisha Perelman, o fanático Daniel Burros (que, apesar de judeu, foi um dos membros mais ativos da Ku Klux Klan nos Estados Unidos), o enxadrista americano Bobby Fischer e o profeta Sabbatai Zevi. Embora tenham perfis tão variados, tais figuras apresentam algo em comum: o fato de serem judeus e, em algum aspecto, deterem a característica da “loucura”, apresentando comportamentos socialmente questionáveis.

A jornada empreendida na obra, na qual são investigadas as mentes dessas oito *personas*, tem propósitos mais amplos: sob o olhar *do* judeu e *sobre* os judeus, discutir o tal mito do desvario semítico, e o sentido da loucura. Afinal, o que é ser louco? E de que tipo de loucura trata Fux? Aquela diagnosticada pela ciência? A loucura que se confunde com excentricidade ou até mesmo genialidade? O autor prefere não acatar uma única definição, e mergulha nas histórias de vida de seus heróis, em busca de motivações e justificativas para

seus atos insanos (que também poderiam ser classificados como obstinados, apaixonados, geniais ou, simplesmente, criativos). Em meio aos recortes das vidas elencadas (em que o escritor mescla elementos biográficos e ficcionais), a loucura é discutida através das diversas teorias e mitos que a relacionam com a cultura judaica.

Embora o autor permaneça fiel a seu estilo multifacetado (que mistura memorialismo, ficção e ensaio), nesta obra a proposta é mais coesa, a começar, pelo subtítulo “Um romance sobre a loucura”. Mas, engana-se quem pensa que Fux irá nos oferecer um romance tradicional. Assim como em suas obras anteriores, a alternância de técnicas de escrita e vozes narrativas persiste. Além dos personagens já citados, há, no último capítulo, uma nona *persona* a ser desvendada: a do narrador (ou seria a do próprio autor?). Assim como em seus dois livros anteriores, *Antiterapias* (2012) e *Brochadas: Confissões Sexuais de um Jovem Escritor* (2015), ocorre, especialmente no epílogo, a combinação entre ficção e discurso autobiográfico, algo já recorrente na trajetória literária de Fux. Em vários trechos, temos a nítida impressão de estarmos diante de uma autoanálise (ou de um parecer do narrador a respeito do autor da obra, já que o texto é construído na terceira pessoa):

Ele enlouqueceu junto com seus personagens. Já não sabe mais de quem fala. Ignora de quem são as dores, as memórias, as tramas, os traumas e as invenções. Desconhece e adultera as verdades históricas, as biografias, as próprias reminiscências. Ele precisa testemunhar sua mediocridade. Tem que confessar sua fragilidade e sua ojeriza. Busca alguma forma de redenção e de suplício através da escrita. (FUX, 2016: 179)

Assim, a autoficção, expressa nos livros anteriores de Fux, novamente desafia o leitor, que se vê diante de um contador de histórias que, enfim, não abdica de suas inquietudes e também quer falar de si mesmo. Proposto por Serge Doubrovsky em 1977, o termo autoficção teria, de acordo com o crítico francês Jacques Lecarme (2014), a vantagem de permitir o questionamento da relação de identidade ou alteridade entre autor e narrador, e é exatamente isso que vislumbramos em *Meshugá*, em que a temática da loucura parece instigar o escritor a se desprender da noção de si mesmo, para se transmutar em outros *eus*, outras consciências que refletem a respeito da cultura judaica e da humanidade, afinal.

Mais circunspecto que em *Antiterapias* (no qual resgatava passagens da vivência judaica, desde a infância) e menos irônico que em *Brochadas* (em que não tinha pudores para abordar os fracassos sentimentais e sexuais), Jacques Fux nos oferta agora uma escrita

mais densa, visceral, até mesmo, soturna, influenciado, talvez, pela complexidade do assunto enfatizado e por todas as suas possíveis consequências (como o suicídio, recorrente em alguns dos personagens evidenciados). O narrador de *Meshugá* menciona, inclusive, a reflexão sobre o autoextermínio, “esse caminho que um dia ele brincou que seguiria” (FUX, 2016: 192).

Mas, a insensatez do narrador (que, embora não se pronuncie na primeira pessoa, parece realizar uma autoinvestigação) não tem como desdobramento o suicídio. Passa, sim, pela busca de afeto, pelo desejo sexual, pela sede de conhecimento e pela busca de explicações (sobre si mesmo e seu povo). E, após tantas tentativas e recursos empregados no intuito de lidar com a própria insanidade, ele alcança a literatura (ou é afetado por ela), acreditando estar diante de seu lenitivo crucial. Ledo engano, já que, conforme Lins:

A diferença entre a literatura e qualquer outra atividade (porque não se pode dizer, de modo algum, ser ela a única forma de resistir à angústia da existência) é que, ao contrário das demais, que constituem respostas ou reflexos, como a ação, à necessidade de transformar o mundo, a literatura reflete a vida e reflete sobre a vida. Possui, por isso, uma vantagem sobre os demais recursos, na medida em que, por intermédio dela, torna-se possível acompanhar, ao longo do tempo, os diferentes níveis de angústia, numa confrontação que ora se acentua, ora se atenua, mas nunca desaparece na espinha dorsal de cada obra. (1980: 9-10).

Portanto, a escrita, para o narrador de *Meshugá*, não se mostra como antídoto para a loucura. Seria, mais propriamente, *phármakon*, como a definição de Jacques Derrida nos ajuda a compreender:

Não há remédio inofensivo. O *phármakon* não pode jamais ser simplesmente benéfico. (...) A essência ou a virtude benéfica de um *phármakon* não o impede de ser doloroso. (...) Esta dolorosa fruição, ligada tanto à doença quanto ao apaziguamento, é um *phármakon* em si. Ela participa ao mesmo tempo do bem e do mal, do agradável e do desagradável. Ou, antes, é no seu elemento que se desenham essas oposições. (2015: 56-7).

Assim, a escrita expressa em *Meshugá* flui como uma odisseia na busca utópica por respostas que apaziguem as dúvidas que pairam sobre a loucura – dos oito personagens retratados, do narrador, do próprio autor e, por que não dizer, de nós, leitores: “O judeu é realmente louco ou, assim como qualquer outro ser humano, está muito além de qualquer compreensão?” (FUX, 2016, p. 195). A obra de Fux nos revela, afinal, que não há respostas; não há antídotos; existe apenas a vida, a loucura e a literatura.

TRABALHOS CITADOS

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Dez mitos sobre judeus*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2015.

DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FOUCAULT, Michel. O louco no jardim das espécies. In: _____. *A história da loucura*. 10 ed. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014. Cap. 6, p. 196-230

FUX, Jacques. *Meshugá*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2016.

LECARME, Jacques. Autoficção: um mau gênero? In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LINS, Ronaldo Lima. *A violência na literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

Darlan Santos

Faculdade Santa Rita, Conselheiro Lafaiete, MG